

Discurso final de Agradecimento do Mons. *Francisco Manfredo Thomaz Ramos*, no Encerramento da Sessão Conjunta Extraordinária da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense de Farmácia em Homenagem ao 1º Centenário de Nascimento de João Ribeiro Ramos (Fortaleza, 06/04/2006).

Cabe-me uma palavra final nesta magna sessão comemorativa do centenário de nascimento de João Ribeiro Ramos, porque tenho a honra de ser o atual titular da cadeira 13 da Academia Cearense de Letras, que já a ele pertenceu, por ser igualmente sócio honorário da Academia Cearense de Farmácia, que ele idealizou e ajudou a fundar, mas sobretudo por ser seu filho, tendo dele e de minha mãe recebido, com meus nove queridos irmãos e irmãs, não só a vida – dom primordial de Deus – como também a têmpera comum do caráter a par da fé cristã, fundamento último e inabalável do viver e porfiar de todos nós. Serei breve, mesmo porque me falecem “engenho e arte” para bem traduzir em palavras os meus sentimentos mais íntimos. De fato, se leio o que têm escrito um Edmilson da Cruz ou uma Tereza Ramos sobre meu pai, não fora pela obrigação que a ocasião me impõe, eu me calaria e me deixaria, de bom grado, tomar pela emoção que seus dizeres suscitam. Peço vênia, portanto, Dr. Murilo Martins, Dr. Jarbas Gurgel, Srs. e Sras., se os mortificar por alguns momentos ainda, com esta minha alocução mais condizente, quem sabe, com a sala de aula.

Mais de um lustro já me separa, no tempo, do convívio com meu genitor, neste mundo dos vivos e, no entanto, sua imagem se firma em contornos sempre mais precisos e marcantes, ao perpassar dos dias, na minha mente e no meu coração. Não falo daqueles traços mais superficiais ou, melhor dito, mais externos do seu perfil de homem, a saber: os da sua fisionomia e postura, do seu trato com as pessoas, do seu falar, dos seus misteres – o profissional da farmácia, o escritor, o mestre, o sócio dos clubes de serviço e das academias literárias – nem mesmo ainda os do esposo e pai de família, mas me refiro, sim, ao que está por trás de todos eles, a dar-lhes sustentação e contextura, algo mais profundo e interior, como que a mediatriz a definir esquerda e direita, indicadora do norte, do Bem, já na esfera da liberdade e da consciência moral. Trata-se daquele valor último e absoluto pelo qual se mede, verdadeiramente, a pessoa humana. É dele que falo. E este, nem sempre se deixa entrever no periférico

das ações externas. Estou querendo situar-me no universo da ética. Em cada época ou idade da história da humanidade há sempre uma “idéia de homem” vigente, que justamente caracteriza ou define tal época, segundo a cosmovisão que se afirma. E isso só pode acontecer quando se percebe e se aceita um valor básico, de referência, a partir do qual é possível escalonar os demais valores que norteiam a própria vida. – Diga-se de passagem, é justamente aqui que se situa a atual crise ética de nosso tempo, isto é, não na inexistência de valores, mas na dificuldade de se encontrar o valor maior, de fundo. – Donde resulta, hoje, num mundo marcadamente pluralista e técnico-científico, com suas racionalidades formalmente ‘operacionais’, que sejam tantos e tão diversos os sistemas éticos, cada qual propondo sua própria imagem normativa para o homem contemporâneo. Pode-se dizer, contudo, que se vislumbra, entre as várias doutrinas éticas, uma certa convergência que aponta para a “pessoa humana” como critério último e absoluto da moralidade enquanto tal. Mas, de certo modo, a *aporia* permaneceria ao se perguntar: e quem é afinal o homem? Nem a todos satisfaz a afirmação de Tomás de Aquino: *Persona... quod est dignissimum in tota natura* (“A pessoa humana é o que há de mais digno, simplesmente, em toda a natureza”). Seria totalmente fora de propósito, neste momento, submeter Ribeiro Ramos ao juízo crítico dos modelos éticos aceites, nem eu me reconheço competente para tal. Volto, portanto, ao meu ponto de vista anterior. Aliás, não é a pessoa que deve ser enquadrada nos parâmetros dos sistemas éticos, mas estes é que devem porfiar entre si para esclarecer-lhe o mistério. Cinjo-me, pois, aos horizontes da “*sapientia christiana*”, ao mesmo tempo filosófica e teológica.

Para o cristão – e meu pai o era, profundamente, sem nenhum respeito humano – aquele valor último da liberdade e da consciência moral reside naquele recinto sagrado “onde ele se encontra a sós com Deus” (G.S. nº 16) e que constitui, na expressão de Agostinho, aquela *interioris hominis pulchritudo* (a beleza do homem interior), ou seja, aquela justiça, participada de Deus mesmo, pela qual, em última instância, “somos feitos à Sua imagem, segundo a Sua semelhança” (Gn. 1,26). Situamo-nos já no plano da graça, do sobrenatural, e aqui por justiça de Deus se deve entender a Sua Misericórdia, pela qual Ele é de preferência nomeado em todo o Antigo Testamento, cabendo a nós, na plenitude da Nova Aliança, como vocação última, que nos define como cristãos, a obediência livre e amorosa ao preceito supremo do Senhor, que clama a toda a humanidade, do alto do Monte: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). – Não o digo por retórica vazia ou

por carolice. – É como, de fato, percebo sempre mais claramente a presença imorredoura de meus pais (falo de ambos), após tantos anos de convivência diuturna. – Valho-me de luzes mais altas para explicá-lo, dos termos do Papa Bento XVI em sua primeira Encíclica *Deus caritas est*, ao comentar, a certa altura o “*Cântico dos Cânticos*, um dos livros do Antigo Testamento, bem conhecido dos místicos”. Nele a palavra inicial *dodim*, que designa “o amor” ainda inseguro, é substituída por *ahabà*, que na versão grega do Antigo Testamento é traduzida *agape*, “que se tornou... o termo característico para a concepção bíblica do amor.” ... “Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, em vez disso, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes, procura-o.” ... É o amor intimamente purificado, que já “visa ao definitivo, visa à eternidade”. Amor que é “êxtase não no sentido de um instante de inebriamento, mas... como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de Deus: ‘Quem procurar salvarguardar a vida perdê-la-á, e quem a perder conserva-la-á’ ” (Lc 17,33) ... Assim descreve Jesus seu caminho pessoal, que O conduz, por meio da cruz, à ressurreição: o caminho do grão de trigo que cai na terra, morre e dá muito fruto” ... “Ele, com tais palavras, descreve também a essência do amor e da existência humana em geral”¹.

Foi este o itinerário de meu pai, na direção da vivência e da posse daquele amor-caridade por Deus e por seu semelhante, que testemunhei tão de perto, freqüentemente, nas pequenas coisas do dia-a-dia que não caberia aqui revelar e certamente, eu não me atreveria a fazê-lo, pelo simples respeito à sua pessoa, sempre tão discreto e reservado. Hoje, por feliz coincidência celebro a data de minha ordenação sacerdotal – 49 anos! – e, em agradecimento a Deus por isso, quero repetir, com relação a meu pai, as palavras por mim pronunciadas a 16 de março de 2001, desta mesma tribuna, na ocasião de meu ingresso neste augusto sodalício:

A coerência constante da sua opção profunda de vida com o exercício de seus papéis sociais e com as atitudes do quotidiano, esta a lição primeira, este o legado maior que ele nos deixa a todos, mormente a seus filhos.

Srs. e Sras. ao ler, num crescendo de admiração e respeito, o quanto

1 *Deus carista est*. nº 6, passim, S.Paulo, Ed. Loyola/Paulus, 2006, pp. 13-14.

escreveram José Maurício Duarte Matos, José Jarbas Studart Gurgel, Cláudio Martins e Oswaldo de Oliveira Riedel, em agosto de 1982, no caderno especial da Revista da Academia Cearense de Farmácia em comemoração ao transcurso do cinquentenário de falecimento de Rodolpho Marcos Theóphilo, confesso-lhes, enchi-me de um santo orgulho ao perceber quanto, de fato, há de semelhança entre a vida de meu pai e a deste vulto ímpar do pantheon dos farmacêuticos do Ceará, quicá do Brasil. Somo-lhes pois, profundamente gratos, eu e todos os meus familiares e parentes, os da família Thomaz Ramos como os da família Ribeiro Ramos, a quantos promoveram esta hodierna homenagem ao meu pai. À luz da fé e da esperança cristãs, repito-o, não o vejo ausente deste recinto nem alheio a esta solenidade. Por isso mesmo, finalizando, quero apenas emprestar-lhe minha voz para que ouçamos mais uma vez as palavras por ele mesmo pronunciadas naquela noite de 22 de março de 1985, no auditório Castelo Branco, por ocasião de sua investidura como membro desta casa:

É tempo de concluir. Perdoai-me vós por me ter alongado demais. É que a gratidão é o mais belo sentimento sempre presente em minha alma. Grato à vossa generosidade, profundamente grato à presença amiga e fraterna de meus familiares, de meus colegas farmacêuticos, de eminentes confrades de instituições literárias e culturais, de caríssimos amigos e conterrâneos de Sobral, de Baturité, de Acaraú e de Santana do Acaraú.

Obrigado! Muito obrigado!